

Lúcia Hiratsuka

O guardião da BOLA



LIVRO DO PROFESSOR

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.

PNLD 2023 - Objeto 3
Código da coleção:

0694 P23 03 01 000 000

Lúcia Hiratsuka

O guardião da BOLA

Ilustrações da autora

LIVRO DO PROFESSOR

1ª edição, 2021

 MODERNA

© Lúcia Hiratsuka, 2021

Coordenação editorial Maristela Petrili de Almeida Leite
Edição de texto Marília Mendes
Coordenação de edição de arte Camila Fiorenza
Projeto gráfico e diagramação Debora Barbieri
Ilustração de capa e miolo Lúcia Hiratsuka
Coordenação de revisão Elaine Cristina del Nero
Revisão Andrea Ortiz, Nair Hitomi Kayo
Coordenação de Bureau Américo Jesus
Tratamento de imagens Greco Fotolito
Pré-impressão Alexandre Petreca
Coordenação de produção industrial Wilson Aparecido Troque
Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hiratsuka, Lúcia

O guardião da bola : livro do professor /
Lúcia Hiratsuka ; ilustrações da autora. – 1. ed. –
São Paulo : Moderna, 2021.

ISBN 978-65-5779-823-2

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

21-68007

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964



DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Quarta Parada - São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1300

www.modernaliteratura.com.br

2021

Impresso no Brasil

Para meu pai, que é um pouco atrapalhado, mas cheio de ideias.





MODERNA



Não sei se essa história é de AZAR ou de SORTE.

— Vamos comprar uma bola? — falou Djalma, o mais velho da turma.

— Bola de verdade? — perguntei.

— Claro.

— Mas e o dinheiro?

— Cada um dá um pouco.

Fizemos conta de cabeça. Em sete, não era tanto assim. Só que dinheiro ninguém tinha. Nem pouco nem nada.

Aí ficou combinado. Todos iam se virar. Pediriam para pais, avós, tios, a quem pudesse, outros ajudariam na fazenda, vendendo ovos... Tudo para ganhar uns trocados.

E conseguimos juntar o dinheiro para comprar a bola de verdade.



Djalma, Juca e eu fomos até a vila. Na venda do seu Antônio sabíamos que tinha o que a gente queria. E voltamos contentes com uma bola nas mãos.

— De capotão!

— De verdade mesmo!

— Chuta!



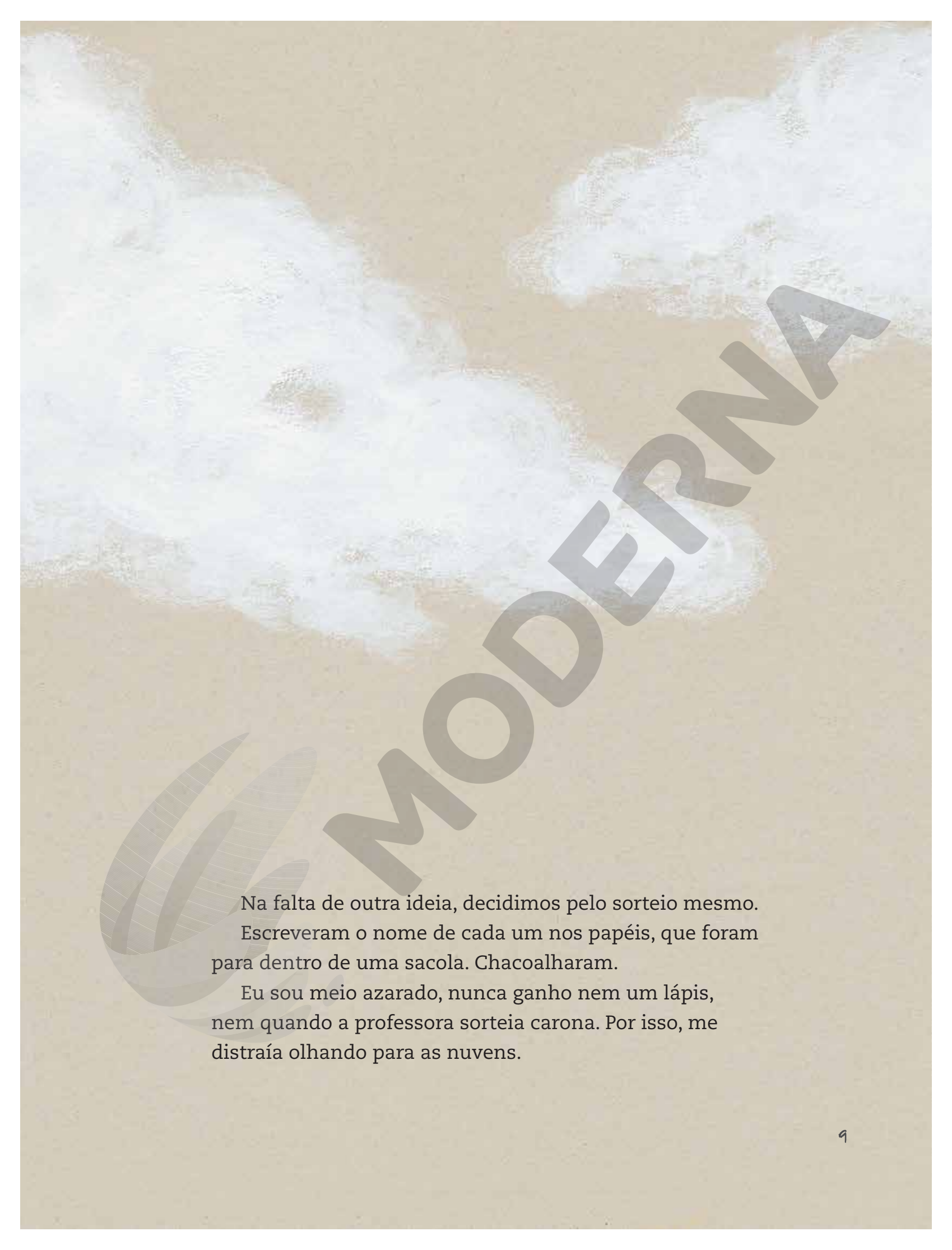


Diferente daquela que a gente fazia com meias velhas e trapos, a bola de verdade rolava. A gente corria e corria. E ela rolava e rolava. Saltava e rolava.

Logo o Juca lembrou uma coisa importantíssima:

- Quem leva a bola pra casa?
- Cada semana na casa de um?
- Sorteio? O sortudo leva.

Surgiram mais palpites, afinal, todos pagaram.
Mas não daria para dividir a bola em pedacinhos.



Na falta de outra ideia, decidimos pelo sorteio mesmo.
Escreveram o nome de cada um nos papéis, que foram
para dentro de uma sacola. Chacoalharam.

Eu sou meio azarado, nunca ganho nem um lápis,
nem quando a professora sorteia carona. Por isso, me
distráia olhando para as nuvens.

— ZINHO!

— Hein?

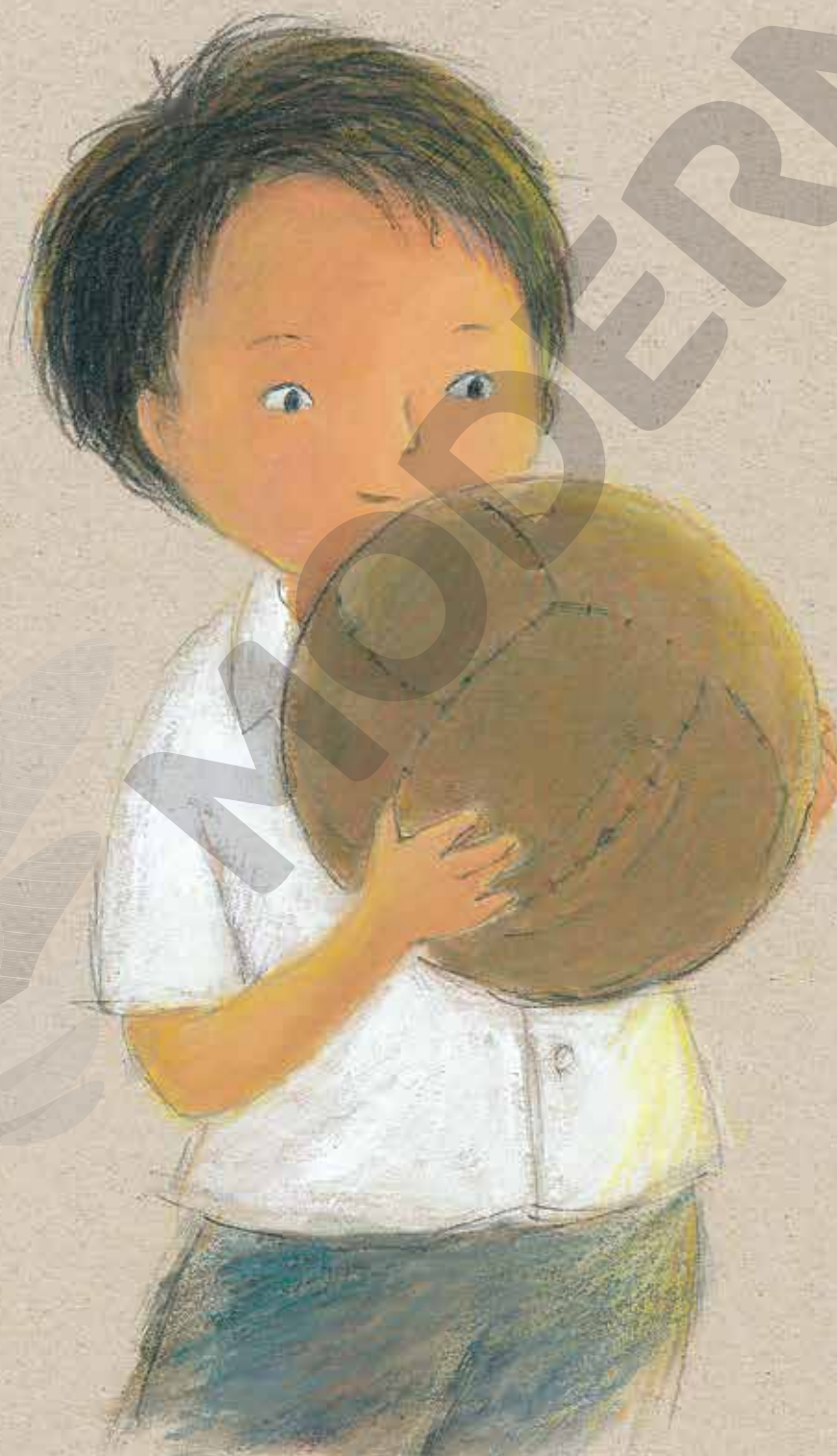
— Aqui está ZINHO. Você é o sortudo.

Zinho sou eu. Luiz que virou Luizinho que virou Zinho.
Não tem outro e todos olhavam para mim. Ganhei a bola?

— Sorte hein, Zinho!

Puxa, nem pude acreditar. Justo eu ganhei uma
bola de verdade.

КнигоБЕРНА



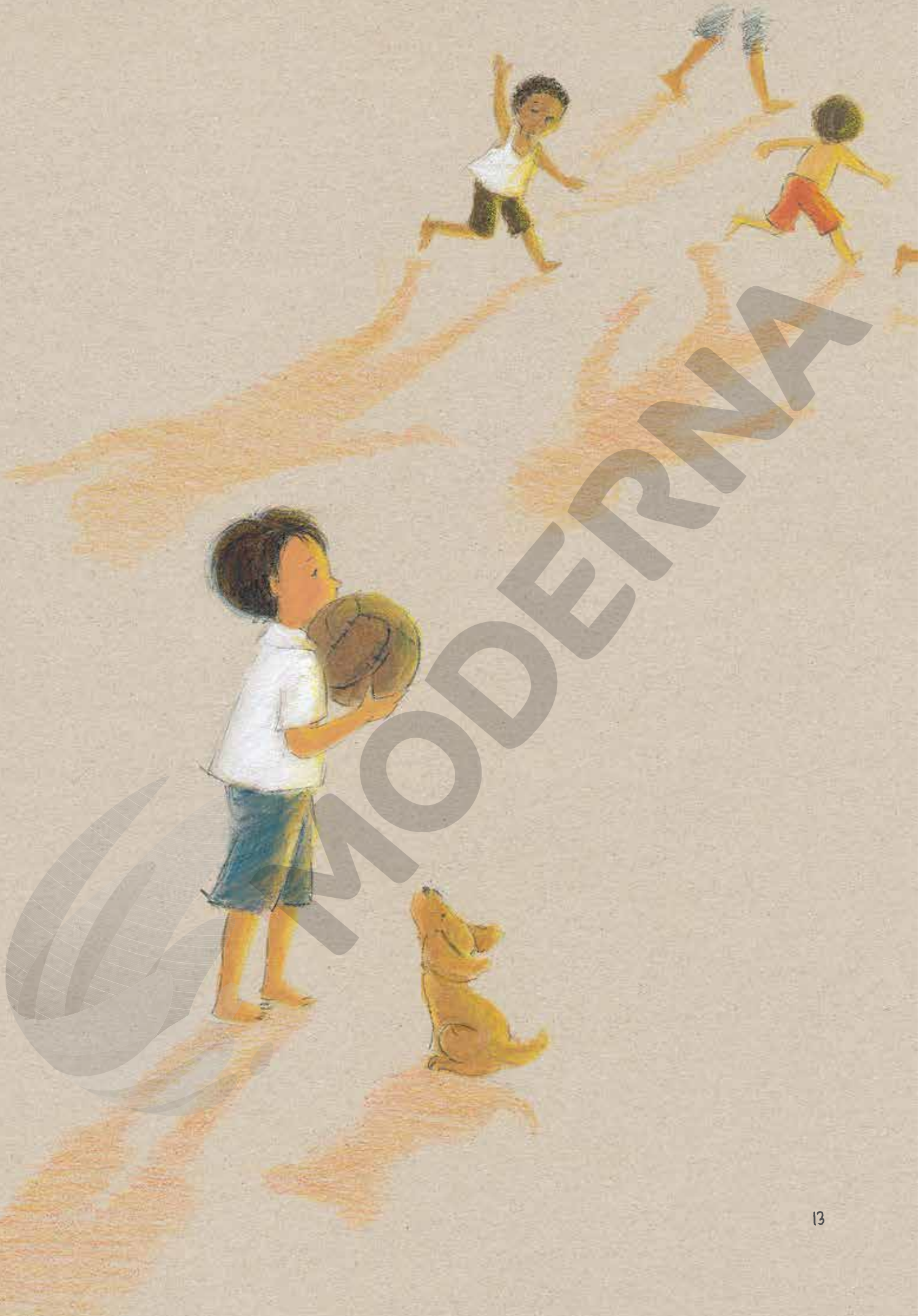


— Traga amanhã — falou Djalma. — E toda vez que a gente
for jogar — acrescentou.

— Não se esqueça — reforçou Juca.

— Cuida bem dela! **Sortudo!** — alguém gritou de longe.

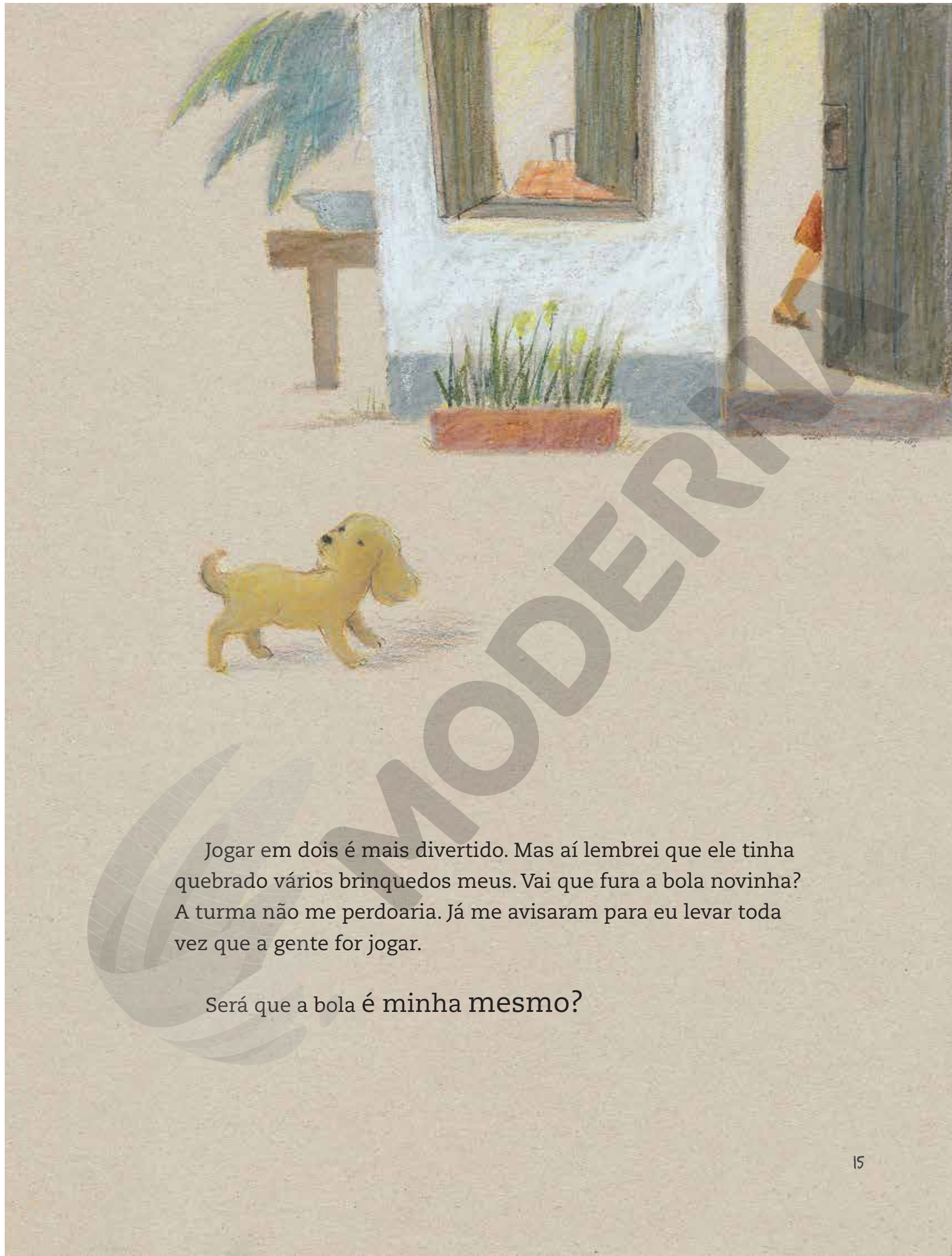
E a turma corria, cada um para sua casa. A tarde já ia e
a noite vinha na carreira. Logo o escuro ia ser derramado
para tudo que é lado.



E eu também voltei para casa, ainda sem acreditar.
Minha sorte estaria mudando?

Como tinha um tempo antes de a mãe chamar para jantar,
fui brincar um pouco mais no quintal. Pensei se devia chamar
meu irmão...

MODERNA



Jogar em dois é mais divertido. Mas aí lembrei que ele tinha quebrado vários brinquedos meus. Vai que fura a bola novinha? A turma não me perdoaria. Já me avisaram para eu levar toda vez que a gente for jogar.

Será que a bola é minha mesmo?

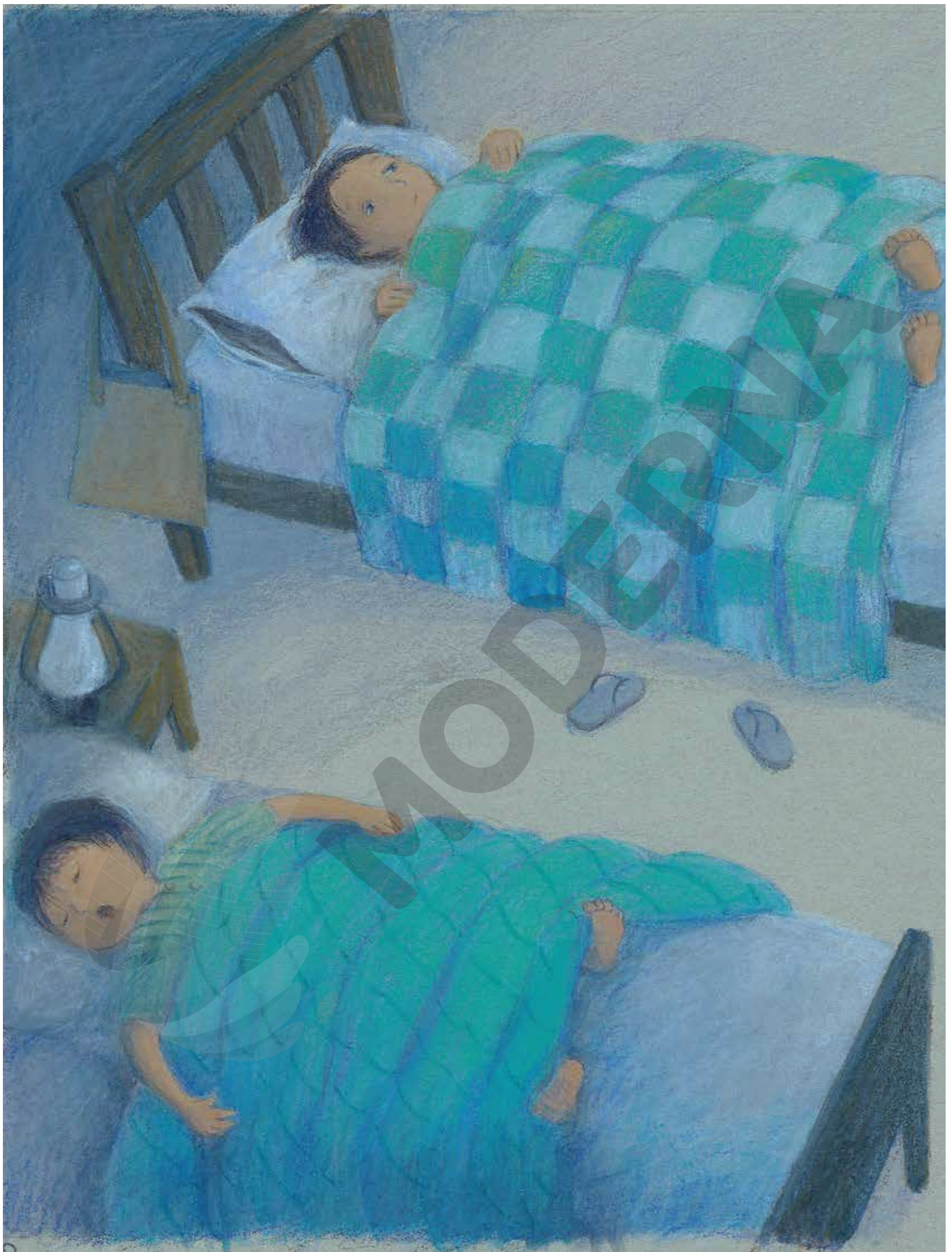


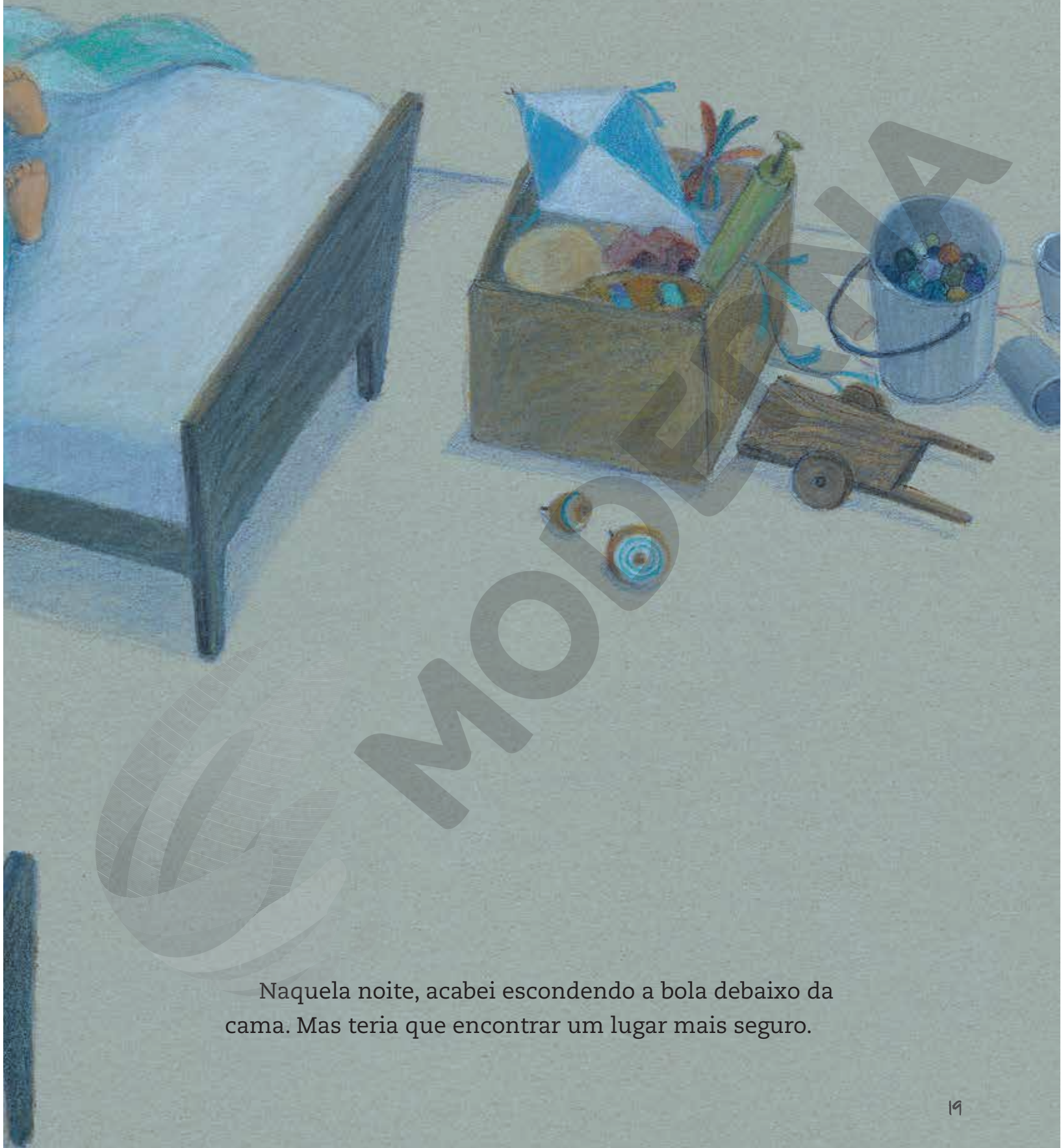
Precisava encontrar um lugar seguro para guardá-la.
Mas onde? Meu quarto é pequeno, divido com meu irmão.
Não posso deixar junto com outros brinquedos, no chão ou
no caixote.

Os outros brinquedos foram feitos por mim ou por meu
pai, mas a bola foi comprada com o dinheiro da turma.

Dentro do guarda-roupa? Em cima? Onde?







Naquela noite, acabei escondendo a bola debaixo da cama. Mas teria que encontrar um lugar mais seguro.



O sol me fazia cócegas. Bem-te-vi cantava,
avisando que era tarde. Meu irmão não estava.
E a bola? Saltei da cama e fui olhar. Ela continuava
do jeito que eu tinha deixado. Foi um alívio!

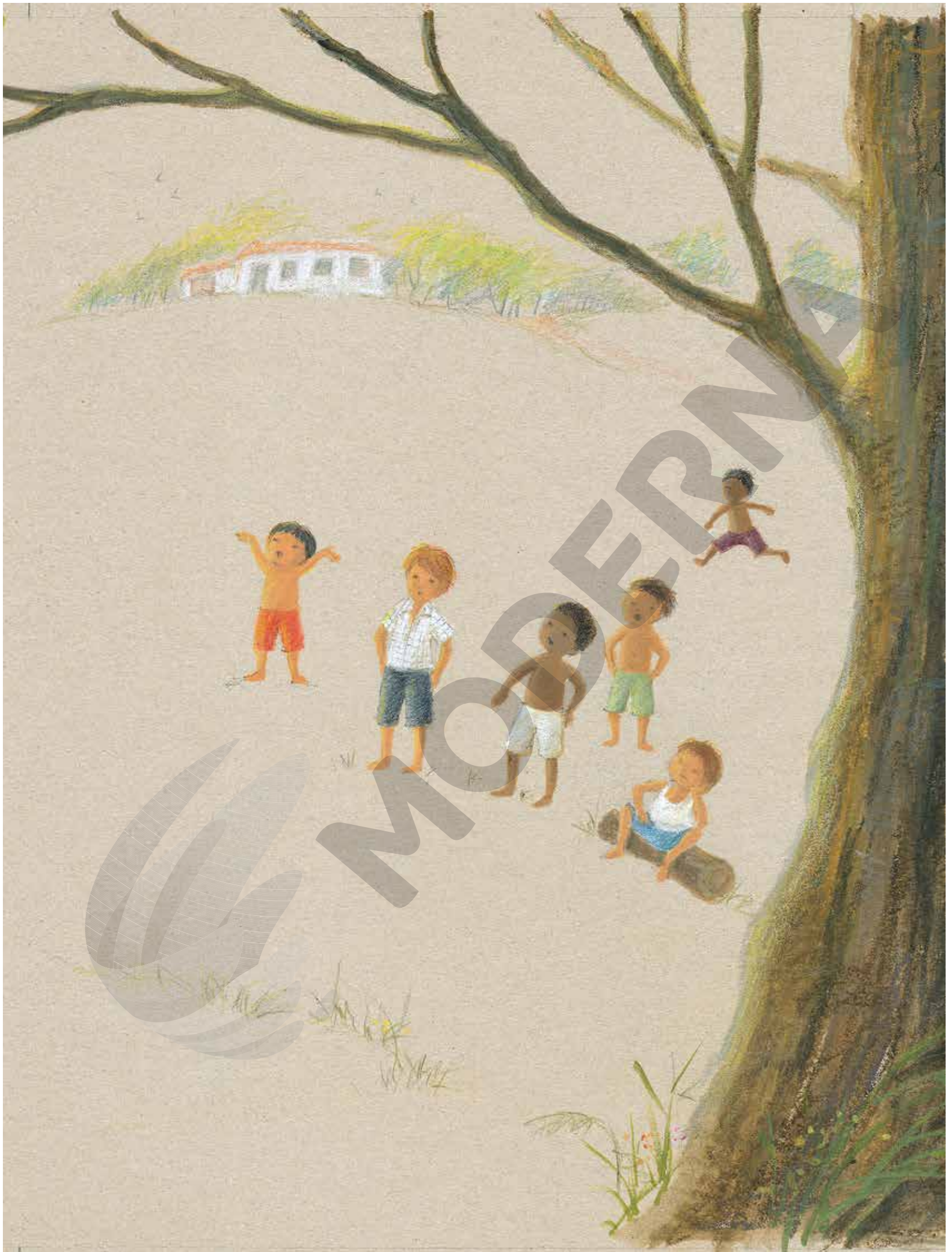
Precisava me apressar para o jogo. Só lavei
o rosto e corri para encontrar a turma.

— Você demorou!

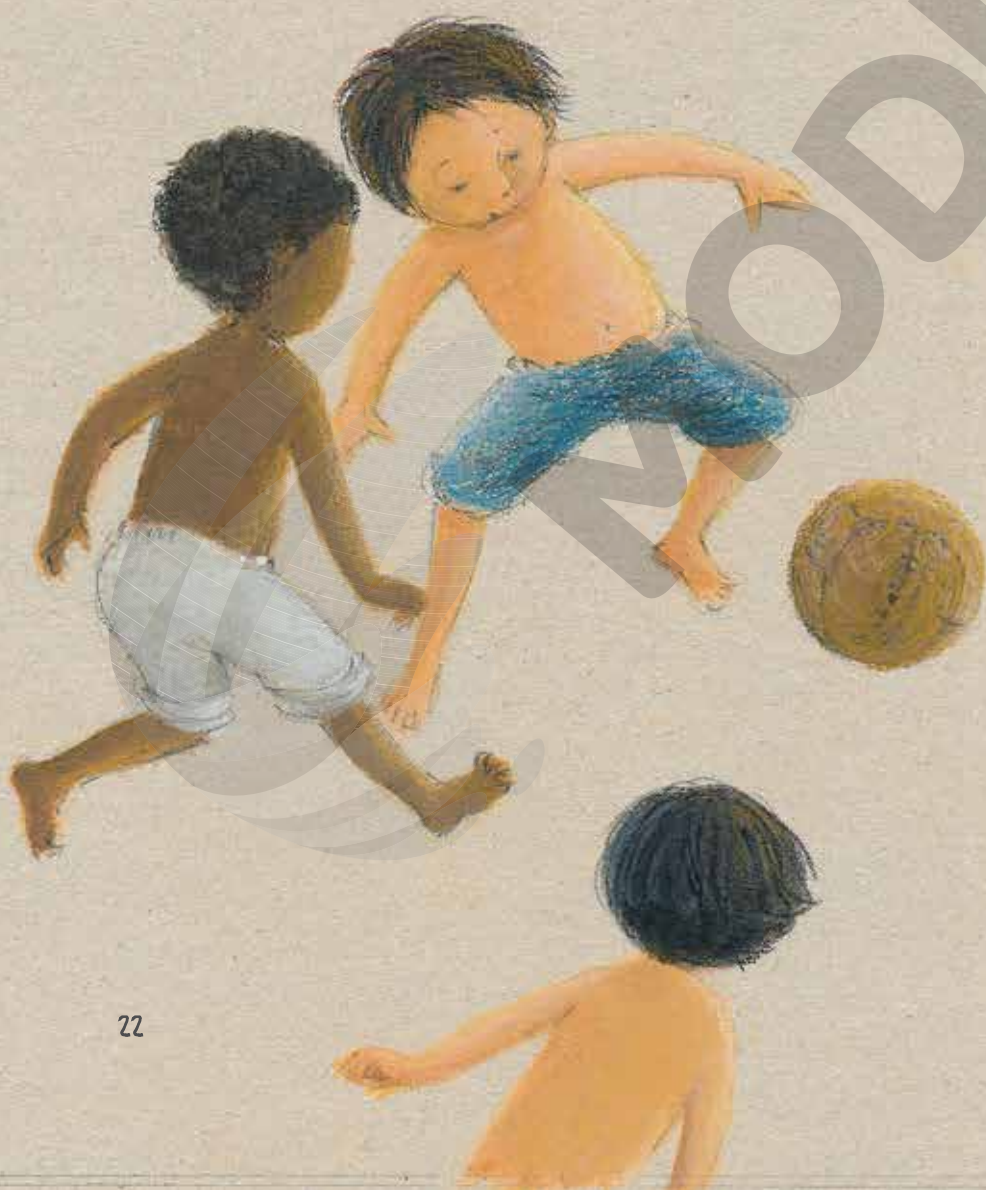
— Chegamos faz um tempão!

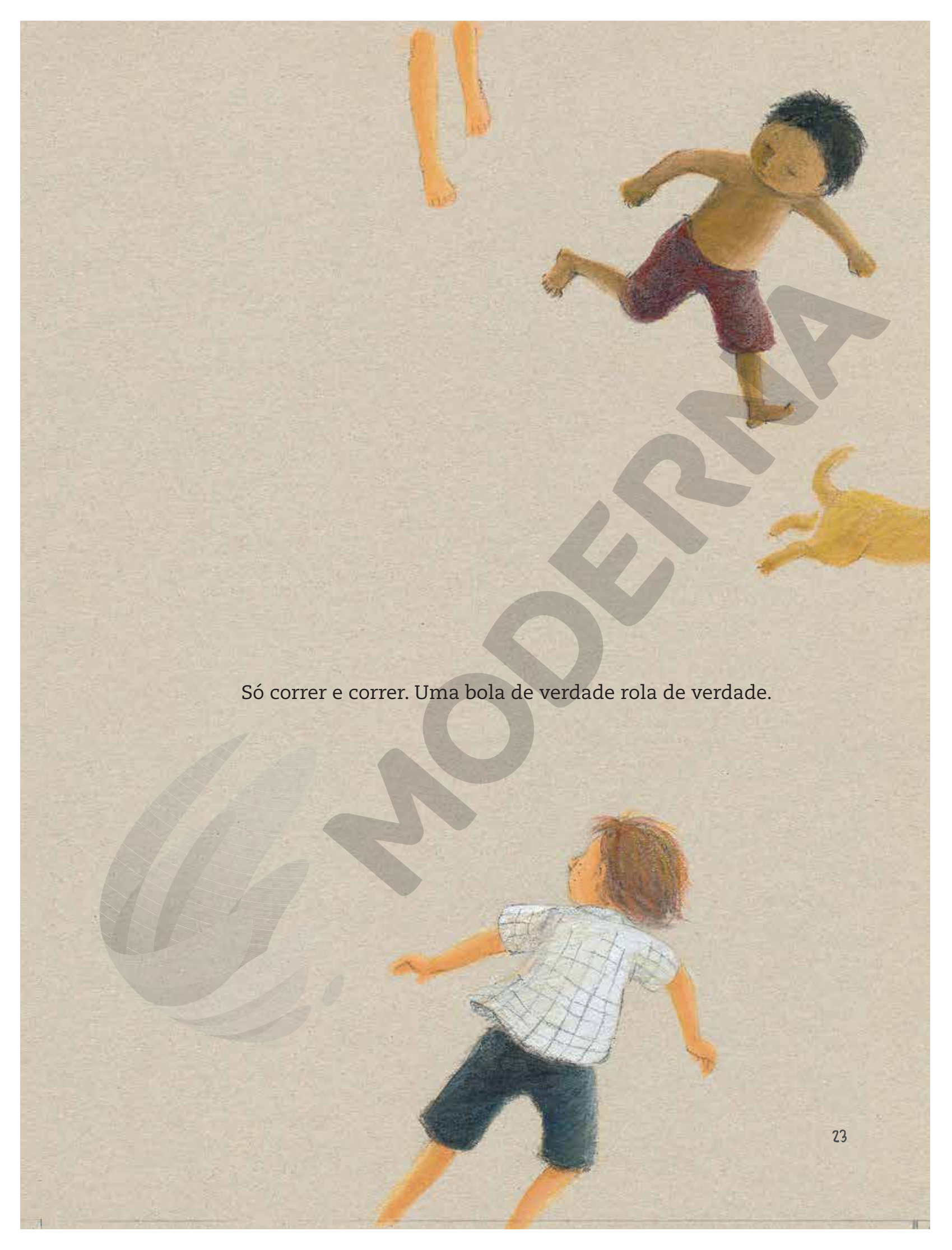
Até o Juca, que sempre vem mais tarde,
estava lá. Todos impacientes me esperando.
Ou melhor, esperando a bola.

Agora eu não podia atrasar nem dormir um
pouco mais. Que sorte esquisita a minha...

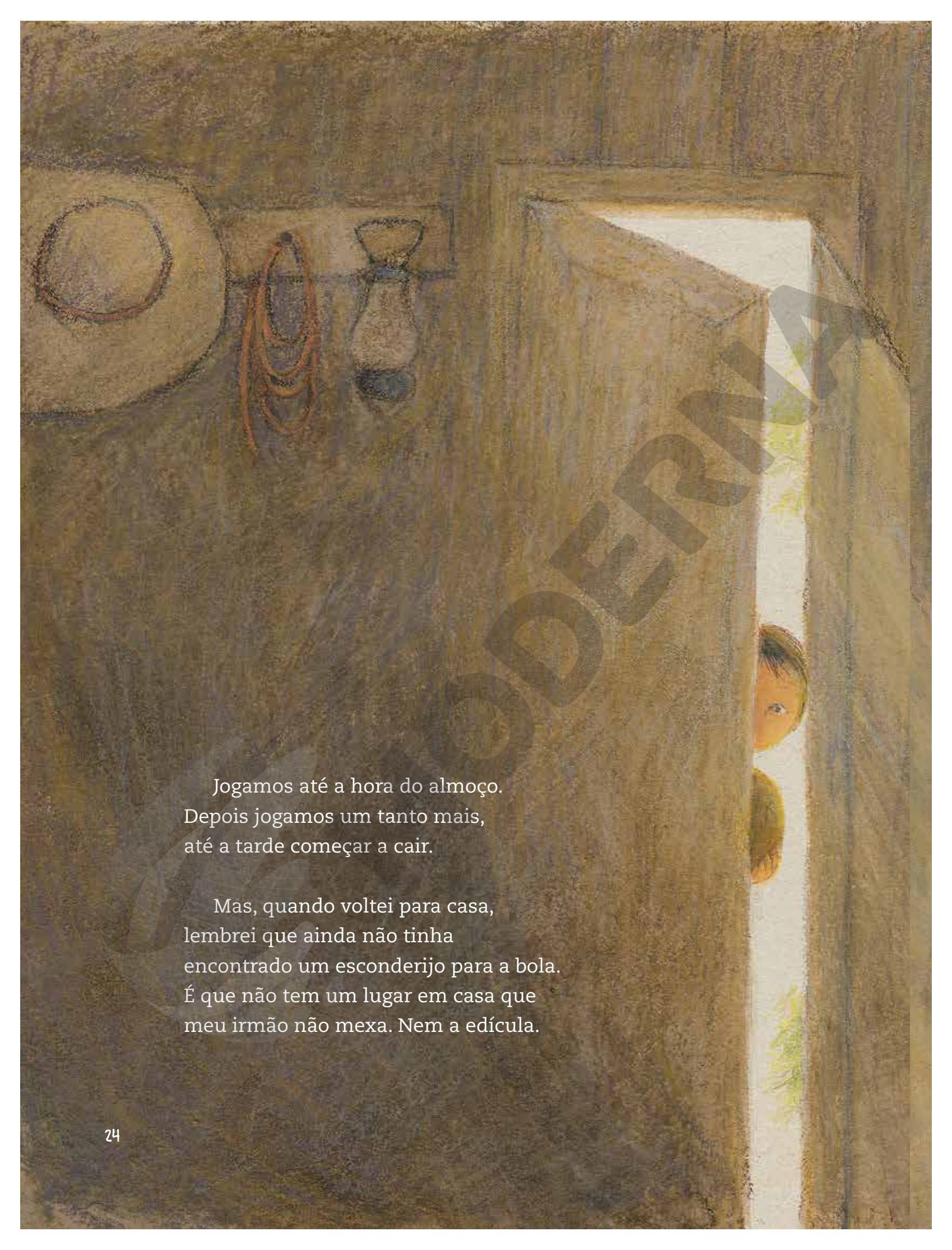


A bola começou a rolar e nem pude pensar mais nisso.



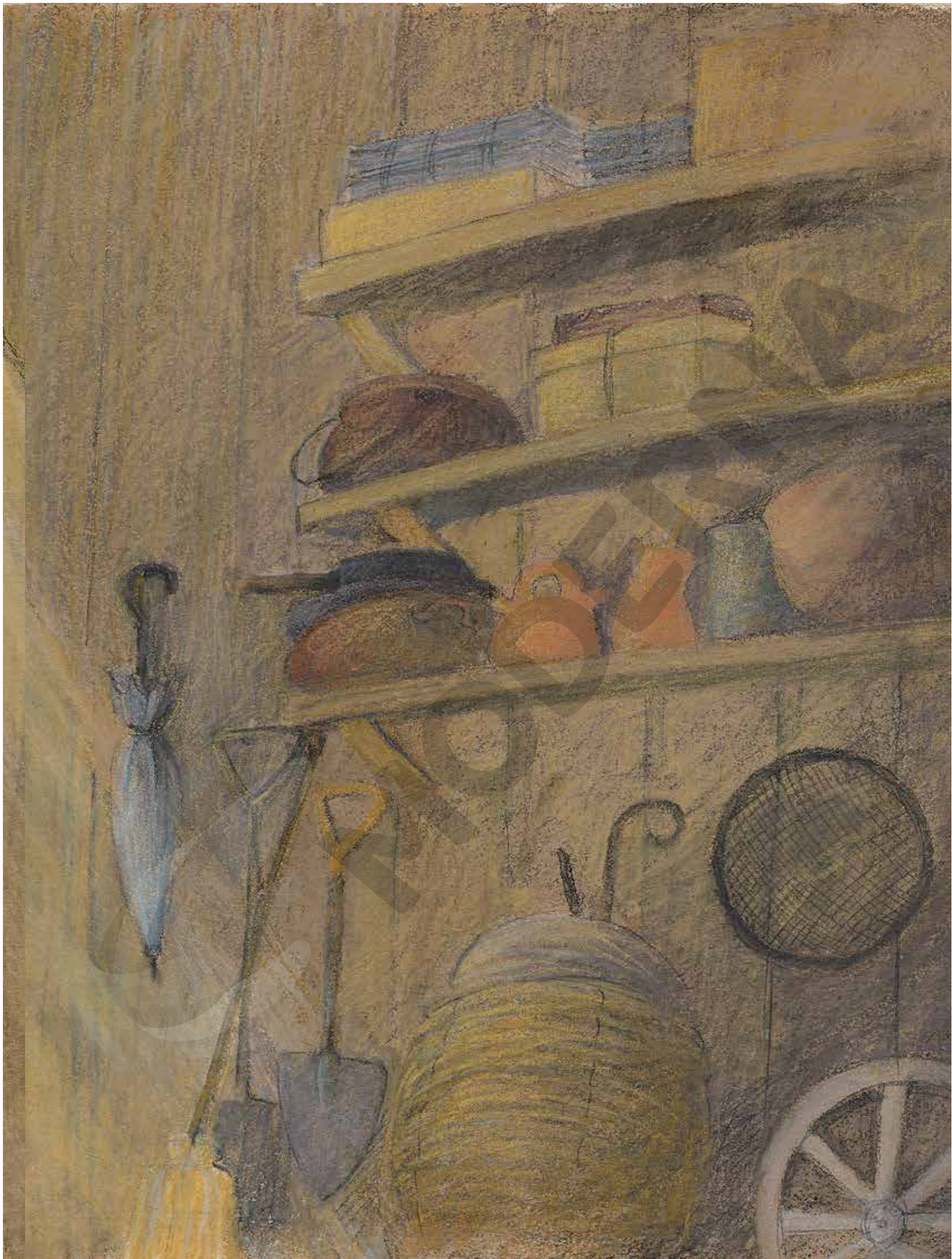
An illustration in a soft, painterly style. In the upper right, a young boy with dark hair and a joyful expression is running towards the left, wearing red shorts. In the lower right, a girl with brown hair is running away from the viewer towards the left, wearing a light blue and white checkered shirt and dark blue shorts. To the right of the boy, a small yellow dog is running. In the upper left, a pair of orange legs is visible, suggesting another person running. The background is a plain, light beige color. A large, semi-transparent watermark with the word 'MODERNA' is oriented diagonally across the center of the page.

Só correr e correr. Uma bola de verdade rola de verdade.



Jogamos até a hora do almoço.
Depois jogamos um tanto mais,
até a tarde começar a cair.

Mas, quando voltei para casa,
lembrei que ainda não tinha
encontrado um esconderijo para a bola.
É que não tem um lugar em casa que
meu irmão não mexa. Nem a edícula.



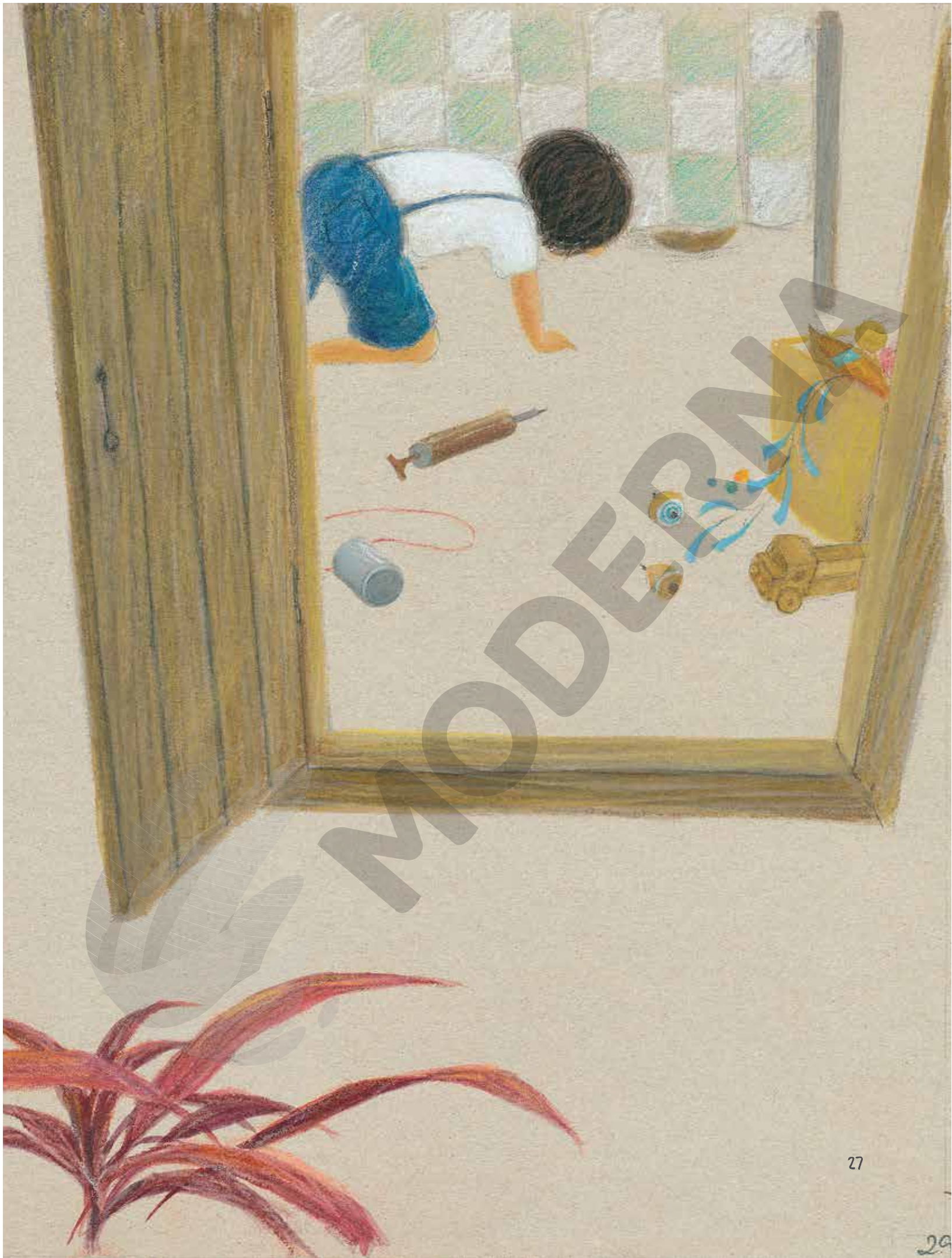
E a bola continuou debaixo da cama. Eu ia para a escola preocupado. Estudava preocupado. Assim que voltava, ia ver se ela continuava no mesmo lugar.

O estranho é que a bola começou a me parecer menos redonda. Teria murchado? Não estava furada, apenas não tão cheia. Não rolava como antes. Talvez meu irmão tivesse brincado com ela...

Fiquei aflito. Meus amigos não iriam gostar.

E se eu usar a bomba que o pai enche pneu de bicicleta?





Achei a ideia boa. Comecei a bombear e a bola foi se enchendo de ar. Animado, continuei, queria deixar ela bem cheinha. Bem redonda.

Mas... Exagerei. A câmara estourou!

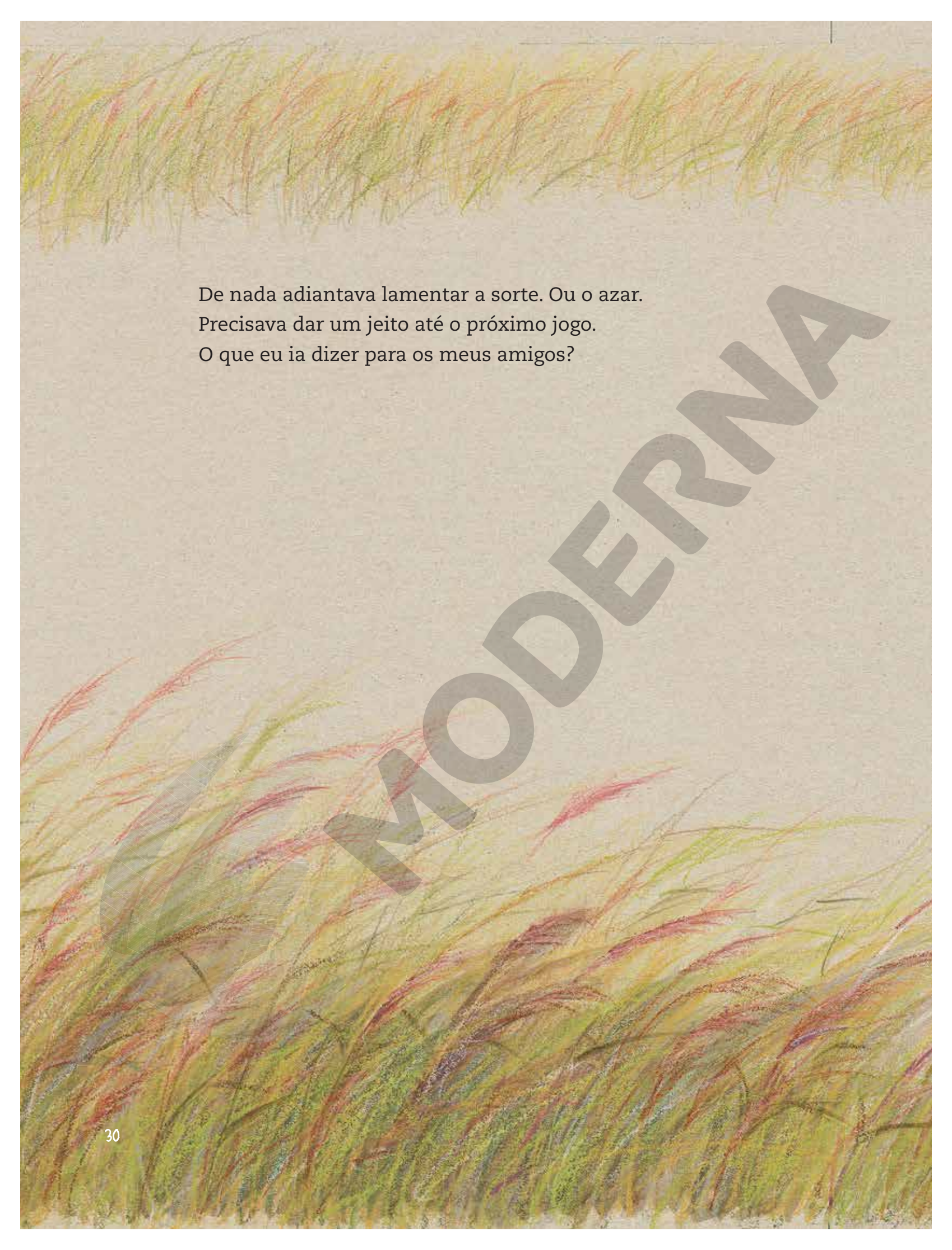
A bola começou a murchar, murchar...

Ai ai ai... Meus amigos me matam. Como deixei isso acontecer?

AZAR. AZAR. AZAR!

E agora? O que faço?





De nada adiantava lamentar a sorte. Ou o azar.
Precisava dar um jeito até o próximo jogo.
O que eu ia dizer para os meus amigos?

Só me veio uma ideia. Juntei os meus brinquedos,
soquei tudo numa caixa e saí na bicicleta velha do pai.



Cheguei até a venda em desespero.

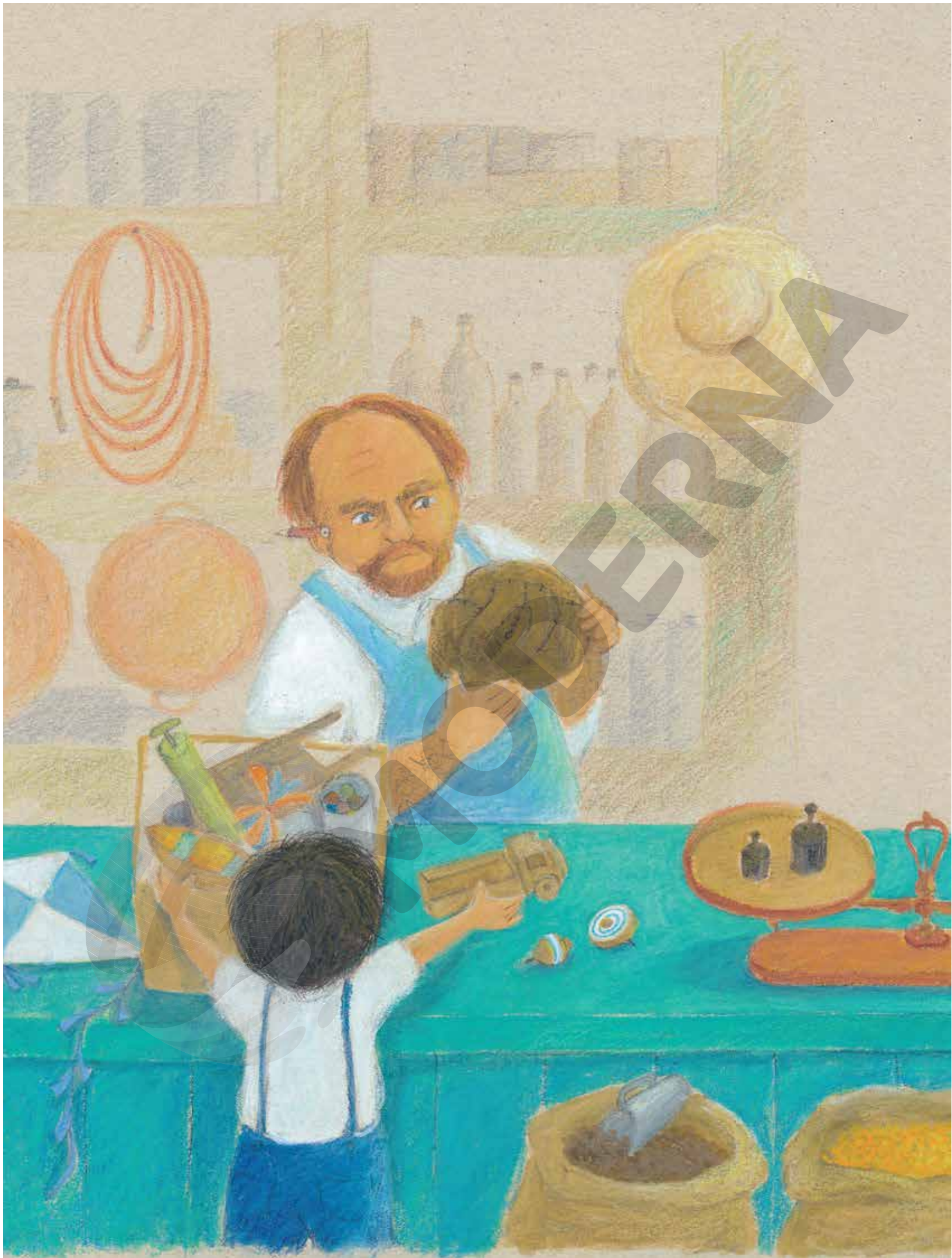
— Preciso de uma bola. Uma bola nova!

Seu Antônio não entendeu nada.

Fui espalhando no balcão o que eu trazia na caixa.
Pipa, piões, carrinho de madeira, pistola de água, bolinhas de
gude que levei um tempão para juntar e outras coisas mais.







Quando contei o que me aconteceu, acho que seu Antônio ficou com pena de mim.

— Foi o SORTEADO e não é o DONO da bola?

Ele a pegou e ficou examinando. E eu esperando. Será que ia conseguir outra bola?

— Hum... isto tem jeito — concluiu o dono da venda.

— Verdade?

— Deixa comigo. Vamos ao borracheiro.



Nem acreditei. Saí de lá com a bola redonda outra vez.
Que alívio! Consegui resolver o problema.

Ser o guardião não é nada fácil.
Até que eu estava me saindo bem.



Não sei se essa história foi de AZAR ou de SORTE.

UMA PALAVRINHA DA AUTORA

Arquivo da autora



Quando eu era criança, cheguei a pensar que era *AZAR* ter nascido tão longe da cidade, onde tinha loja de brinquedos, sorveteria, luz elétrica...

Depois percebi a *SORTE* que foi ter morado num sítio. Inventava brincadeiras no quintal, me divertia contando estrelas ao anoitecer e escutava histórias da minha família.

Eu me formei na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, estudei sobre a arte dos livros ilustrados na Universidade de Fukuoka, no Japão, e continuei sempre em busca de novos aprendizados.

Um dia, meu pai contou sua lembrança: de *SORTE* meio *AZARADA* ao ganhar uma bola num sorteio. E me inspirou a escrever essa história.

Para ilustrar, escolhi um papel com textura que lembra areia e pintei em guache, pastel e lápis de cor.

Acho que sou uma pessoa de *SORTE* porque faço o que eu mais gosto, contar histórias usando palavras e desenhos.

Somos todos *GUARDIÕES DE HISTÓRIAS*.

Lúcia Hiratsuka

Para saber mais:

<https://luciahiratsuka.blogspot.com>

Que história é essa?

Por Luciana Alvarez

Zinho era do tipo que nunca ganhava nada em sorteios e rifas, até que foi o escolhido para ficar com a bola de futebol que pertencia à turma toda. Que sorte! Mas a partir do momento em que levou a bola para casa, sua vida ficou mais difícil. Como evitar que seu irmão mais novo brincasse com a bola, correndo o risco de furá-la? Também já não podia mais se atrasar, ou todos ficavam bravos, esperando para jogar. No conto, Zinho tenta cuidar bem da bola, mas acaba por enchê-la demais e estoura a câmara. Que azar!

Um **conto** costuma ser assim: uma história curtinha, que mostra um problema e, depois de alguns momentos de tensão, dá uma solução. Nesse caso aqui, depois do desespero de ver a bola murcha, a solução foi procurar o borracheiro, que deixou a bola da turma novamente perfeita.

Por ser curto, o conto envolve poucos personagens e costuma se passar em um só local, durante um período breve. É como se mostrasse só uma “fatia” da vida de um ou dois personagens. O narrador não conta se Zinho continuou sendo o guardião da bola por vários anos. Será que trocaram os responsáveis de tempos em tempos? Ou será que os meninos cansaram do futebol e passaram a praticar outras atividades, como empinar pipa? Para essa narrativa, o que importa mesmo é mostrar a grande responsabilidade de ser o guardião da bola. O resto fica por conta da imaginação do leitor.

O conto é um texto gostoso de ler, ouvir e contar, e por esse motivo é um gênero comum na literatura de forma geral, não só na infantil, mas naquela feita para adultos. E é também muito antigo: as primeiras coletâneas escritas são de antes de Cristo. Os estudiosos dizem que o conto faz parte da natureza humana: ao viver em grupos, o ser humano precisa se comunicar, dizer o que sente, narrar o que viu ou imaginou.

Neste livro, uma só pessoa escreveu o texto e fez as ilustrações, a Lúcia Hiratsuka. Ela nasceu em 1960 e passou a infância num sítio em Duartina, uma cidade bem pequena do interior de São Paulo. Aos 16 anos, mudou-se para a enorme capital do estado e cursou Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes. Mesmo depois de formada, ela quis continuar estudando e, para isso, em 1988, quando recebeu uma bolsa de estudos da Universidade de Educação de Fukuoka, foi até o Japão, onde pesquisou sobre livros ilustrados. Lúcia já escreveu e ilustrou dezenas de livros e recebeu vários prêmios por seus trabalhos.

E eu com isso?

O guardião da bola foi inspirado em um episódio vivido pelo pai da autora quando menino. Será que nossos pais e avós se lembram de alguma história vivida durante a infância ou adolescência que, como essa, é difícil dizer se foi de sorte ou de azar?

Claro que, se lembrarem, as histórias vão ser diferentes dos acontecimentos narrados no livro. Mas além do conteúdo em si, o jeito que cada um conta uma história é único. Na página 12, está escrito “Logo o escuro ia ser derramado para tudo que é lado” como forma de dizer que era o fim da tarde. Na página 20, a expressão “O sol me fazia cócegas” conta que o dia tinha amanhecido. A autora atribui movimento às mudanças de luminosidade e à passagem do tempo, um jeito bem diferente de como as pessoas falam no dia a dia.

A obra é repleta de detalhes bem particulares. Reparou que o conto começa e termina com frases quase idênticas? Como se fechasse um círculo... Até a diagramação do livro traz elementos pouco comuns. De quando em quando, aparecem palavras com uma fonte maior do que o restante do corpo do texto. Por algum motivo, a autora quis dar um destaque a essas palavras.

Outra característica importante é que a narração muda no meio da história. A primeira pessoa do plural, *nós*, é trocada pela primeira pessoa do singular, *eu*. A mudança acontece a partir do momento em que Zinho se separa da turma e vai para casa sozinho com a bola.

Quando chega em casa, o menino passa a sentir ansiedade diante de coisas que antes pareciam insignificantes. O medo pode fazer que o mundo se torne um lugar ameaçador, em que as coisas mais inofensivas pareçam perigosas.

Um acontecimento simples, que a princípio era bom, trouxe escolhas difíceis para Zinho. No decorrer da vida, em algum momento isso vai acontecer com todos: situações que nos trazem alegria acabam por exigir muito de nós.